

Tribuna da Luta Operária

Nº 19. ANO I. 25 DE JULHO A 8 DE AGOSTO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

Fascistas covardes querem calar o povo!

PROCURA-SE

Estes são alguns dos agentes a soldo de Maluf que espancaram gente do povo na Freguesia do Ó. Uma parte ao menos é dos órgãos repressivos.



Bancas de jornal incendiadas. Espancamentos e seqüestros. Bombas e tiros contra democratas. Terroristas saem da sombra no esforço brutal da reação para barrar as lutas do povo. Deputado federal revela: atentados fazem parte de um complô, a "Operação Cristal", envolvendo três generais. Governo Figueiredo conivente. Todos os criminosos estão impunes.

**NA BOLÍVIA A
CARNIFICINA
REACIONÁRIA
ENFRENTA O
HEROÍSMO DO
POVO. PÁG. 5**



**Nas portas da
Ford e Fiat.**

Pág. 4

Editorial

Em resposta ao terror

Os terroristas ligados ao sistema que andam em plena atividade querem impedir que a classe operária e todos os setores populares e democráticos exerçam o direito de discutir a situação de crise a que os generais conduziram o país. Querem impedir que a imprensa independente denuncie seus crimes e aponte soluções para os problemas nacionais.

O governo promete esclarecer e pôr fim às violências, mas na prática é conivente, omite-se. E ainda procura difundir a idéia de que é preciso apoiar o grupo de Figueiredo para evitar a ofensiva dos radicais de direita, como se o povo tivesse que escolher entre o sujo e o mal lavado.

O aceleramento da crise em gestação reflete-se de forma diferente nas diversas correntes da oposição, embora em geral todos se manifestem pela quebra do monopólio do poder nas mãos dos generais e pela convocação de uma Assembleia Constituinte.

Os conservadores, como o senador Tancredo Neves, apressam-se em dizer que a única esperança está nas mãos do general Figueiredo, que deveria convocar a Constituinte. Revelam com isso que seus interesses são limitados. Querem apenas arrumar melhor o regime.

Os moderados, como o deputado Ulisses Guimarães, assustados com a radicalização, atemorizados com a escalada terrorista e temendo o avanço da classe operária, mostram suas fraquezas na defesa da Constituinte. Sonham resolver o problema entre os "políticos", sem a efetiva participação popular. Têm a ilusão de compromissos com os generais, "para não virarem a mesa".

Certos líderes populares, como Lula, enveredam pela

concepção sindicalista de política e dizem que os trabalhadores estão mais preocupados com o feijão do que com esse assunto de Constituinte. Como se política não fosse coisa para a classe operária.

Esta tem interesse em remover todos os obstáculos para que o povo debata abertamente os problemas do país, nas fábricas, nos bairros, nas ruas, nos campos e escolas, em toda parte. Tem interesse particular em que as idéias operárias, marxistas-leninistas, sejam amplamente veiculadas. Por isso conquistar a liberdade mais ampla possível e defender a imprensa democrática e operária é uma questão-chave para que se chegue a uma Constituinte capaz de servir ao povo. Por isso os fascistas atacam com tanta violência os jornais populares e democráticos, entre os quais a *Tribuna Operária*.

Os generais já demonstraram amplamente que sob sua tutela é impossível haver liberdade para o povo debater seus problemas e escolher representantes legítimos para uma Assembleia livre e soberana. A ofensiva terrorista em curso só vem confirmar esta verdade. Por isso os trabalhadores não têm outro caminho senão defenderem a liquidação do regime militar. Somente um governo das forças democráticas e da unidade popular pode garantir a liberdade na situação atual.

A possibilidade da vitória depende sobretudo da vigorosa iniciativa do proletariado, na ampla divulgação, debate e organização da luta pela Constituinte. Transformar esta luta em campanha nacional, articulada com o repúdio ao terror fascista e a defesa da imprensa democrática e operária, é uma tarefa decisiva do momento.

Olívio Dutra é pela Constituinte livre

Entrevista exclusiva na página 3



Assembléia de três mil pessoas contra Itaipu

**Santa Helena protesta contra
injustiças da Itaipu.**

Página 4



**Minas:
greve
parou
carretas**

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
Leia na página 4



Assembleia decide pela greve, apesar de todas as pressões.



A polícia tentou acabar com a paralisação a tiro.

Greve dos motoristas em João Pessoa

João Pessoa, PA — Pela segunda vez em um ano, os motoristas, cobradores, despachantes e fiscais dos transportes coletivos desta capital foram à greve, enfrentando violenta repressão por parte da polícia e novas traições da diretoria pelega do sindicato, mas obtendo parte de suas reivindicações e colhendo mais experiência na luta por seus direitos.

A pequena, mas destemida categoria de 600 profissionais, estava exigindo o pagamento do reajuste (INPC) atrasado e piso salarial de Cr\$ 11.169,50 para todos os motoristas, e fez sua primeira paralisação no dia 9 de julho, devido à intransigência dos patrões. Logo que começaram a formar piquetes, foi desenhada

a repressão policial, com agentes portando espingardas calibre 12, metralhadoras e revólveres, comandados pelo superintendente Arlindo Monteiro. Foram presos três motoristas, um engenheiro que estava observando e dois jornalistas, gerando indignação por parte dos populares.

Socos, coronhada e bala

Desorientados e confusos com a repressão, os motoristas e cobradores acabaram aceitando a proposta do pelego Luis Barbosa, presidente do sindicato, para a realização do dissídio coletivo no dia 14. A reunião na Justiça do Trabalho, no entanto, não deu em nada, levando os trabalhadores a se retirarem, gritando "greve, greve".

Os piquetes foram formados e a greve se espalhou. No Mercado Central ocorreu o incidente mais sério: o delegado Carlos Romero e seus agentes prenderam dois piqueteiros, após agredirem selvagememente os trabalhadores, mas estes conseguiram libertar seus companheiros. Nesse momento, o policial Moacir Costa atirou contra o motorista Severino Rodrigues Pereira, atingindo-o no pescoço. A partir daí a revolta é geral. Motoristas, cobradores e passageiros começam a apedrejar os policiais, que fogem.

Após uma série de manifestações em protesto, os motoristas decidiram passar a noite em vigília numa praça, paralisando por completo o transporte coletivo. No dia

15 foi realizada uma tumultuada assembleia com 500 motoristas, onde se revela a maior debilidade do movimento: não há liderança, não há comando.

Os patrões apresentaram então nova proposta, de Cr\$ 9 mil, mas os grevistas não aceitam, pois, como afirmou um deles, "como é que a gente faz uma feira com esse dinheiro?". A paralisação continuou firme, formando-se um comitê de apoio. Na quarta-feira, os trabalhadores voltaram ao trabalho, aceitando a solução provisória de piso de Cr\$ 9 mil e novo dissídio dentro de 30 dias. Mas não saíram desmoralizados. Ao contrário, já prometeram uma nova greve caso não sejam atendidos (do Correspondente)

A caminho do II ENES

Rio de Janeiro, RJ — Delegações de 15 estados participaram nos dias 12 e 13 de julho da II reunião da Executiva Nacional dos Estudantes Secundaristas, na qual foi discutida a conclusão dos preparativos para o II Encontro Nacional de Estudantes Secundaristas (ENES), um importante passo para a reconstrução da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES).

Embora os secundaristas tenham considerado a reunião um grande avanço, devido ao número de delegações presentes, os trabalhos foram muito dificultados por grupos que colocavam seus interesses acima do avanço do movimento, atravancando a preparação do Encontro Nacional.

A grande maioria dos presentes, diante do atraso provocado por esses grupos, decidiram encaminhar uma nova reunião da Executiva Nacional, possibilitando maior discussão nos estados antes de encerrar o que ainda falta para a realização do II ENES.



Os membros da Chapa 2 da construção civil

Chapa 2 contra pelego

Curitiba, PR — Organizados na Chapa 2, os principais líderes da greve dos peões da construção civil ocorrida nesta cidade em 1979 disputarão as eleições para o sindicato da categoria, a serem realizadas de 28 a 31 de julho, após demonstrarem durante a campanha que têm plenas condições de derrotar o grupo de pelegos encastelado no sindicato, liderado por Agnaldo Ramos Forbeci.

Forbeci, que preside o sindicato há dez anos, desmascarou-se durante a greve, ao criticar os

grevistas e afirmar que a paralisação era ilegal, da mesma forma que os patrões. Devido à sua omissão, a situação dos peões é das piores: as empresas pagam salários baixíssimos, não cumprem as leis trabalhistas, oferecem péssimas condições de trabalho.

A chapa 2, liderada por Valdeci Alves Nascimento, pretende por fim ao reinado dos pelegos, para lutar pelas reivindicações da categoria e incorporar o sindicato nas lutas gerais da classe operária. (da Sucursal)

Fazendeiro mandou matar peão

Santa Maria, RS — Por uma disputa trabalhista, o peão Constantino Soares, de São Gabriel, foi sequestrado, acorrentado, espancado e torturado por três policiais militares, a tal ponto que não conseguiu sobreviver. No dia 5, pela manhã, quando ele deu entrada no hospital de São Gabriel, já cuspiam e urinavam sangue, vindo a falecer pouco depois.

Por trás do crime encontra-se a figura sinistra do latifúndio, personificada no fazendeiro Odacyr Denardin. E como outros trabalhadores se prestaram a denunciar a verdade, encontram-se também sob ameaça de morte. Amauri Proença, filho do peão assassinado, e em seguida Dario Duarte Siqueira, testemunhas do crime, assim como suas famílias, revelaram que estão sofrendo ameaças da parte do mesmo fazendeiro e do cabo da PM Adão Xisto, também envolvido. (da Sucursal)

Vitória operária

Niterói, RJ — Os metalúrgicos de Niterói, São Gonçalo e Itaboraí conseguiram uma grande vitória no dia 19 de julho, ao elegerem para o seu sindicato, em segunda votação, a chapa 2 de oposição, liderada pelo carpinteiro naval Abdias dos Santos. Com 1.220 a 973 votos, conseguiu-se o afastamento do presidente pelego José Moreira dos Santos, cuja atuação impediu um melhor acordo no último dissídio da categoria.

Apesar da Chapa 2 ter vencido a primeira votação por 1.650 a 489 votos, as manobras da Chapa 1 de Moreira dos Santos forçaram a realização de novas eleições. Mas isto apenas retardou a derrota do pelego, pois os metalúrgicos estavam conscientes de quem era quem na categoria.

Durante a fase eleitoral, o pelego usou vários artifícios, chegando a utilizar alguns operários combativos e com prestígio na categoria, mas equivocados, para atuar ao seu lado, fazendo propaganda da Chapa 1. Os membros da Chapa 2 já manifestaram a intenção de procurar estes elementos de destaque para que se unam e continuem juntos na luta maior, de toda a classe operária. (da Sucursal)

Taxistas de luto

Recife, PE — Cerca de dois mil motoristas de táxi desta capital, fizeram uma manifestação dia 14 de julho, em protesto contra o assassinato do colega Antonio Barros da Silva, morto a tiros por um passageiro, mas foram reprimidos pela polícia — a mesma que tem o dever de proteger a vida desses profissionais.

A manifestação foi tumultuada quando agentes da polícia, a pretexto dos motoristas estarem impedindo o trânsito, tentaram dispersá-los com espantamento e coronhadas, prendendo cinco deles. Isso causou revolta entre os familiares da vítima. Leninha, irmã de Antonio, afirmou que "toda semana se mata um, o governo diz que resolve, mas não faz nada. Se fosse um filho dele num instante resolvia".

Manoel de Barros, pai do assassinado, ordenou que o enterro fosse suspenso até que os motoristas fossem soltos, fazendo com que a polícia libertasse quatro deles, enquanto o quinto permaneceu detido sob acusação de porte de documento falso. (da Sucursal)

Camaçari: manobras do Ministério

Salvador, BA — Através de um simples decreto, o ministério do Trabalho decidiu transformar em metalúrgicos os operários da CEMAN, no pólo petroquímico de Camaçari, apesar dos trabalhadores sempre terem sido petroquímicos e a própria empresa ser classificada nessa categoria.

Esse arbitrário ato ministerial ocasionará sérios prejuízos aos trabalhadores, pois estes perderão as vantagens e conquistas adquiridas em campanhas dirigidas pelo Sindiquímica. Os operários, contudo, já iniciaram uma campanha pela revogação da medida, apoiados pela diretoria do Sindiquímica, que fez publicar em todos os jornais da Bahia uma nota oficial repudiando o ato. (da Sucursal)

MCC/SP prepara campanha

São Paulo, SP — O Movimento Contra a Carestia deu grandes avanços na preparação do Dia Nacional de Luta Contra a Carestia em 27 de agosto. As várias tarefas já estão sendo executadas para a ida a Brasília e para as manifestações em várias cidades de todo Brasil.

A parte final da programação será decidida em Brasília, no dia 25, onde todas as delegações irão se reunir e chegar à elaboração final de um manifesto. Várias entidades já se comprometeram com o protesto.

Em São Paulo, a Campanha lançada em março contra os abusos da Light tem tido excelente participação do povo: o Movimento Contra a Carestia e outras entidades e movimentos populares têm feito concentrações nas regiões de Itaquera, S. Miguel, Penha, Santo Amaro, contando com mais de 300 participantes.

Esse movimento tem como luta principal acabar com o Imposto Único que representa 25% da conta de luz, também propõe o congelamento das tarifas e prazos maiores para o atraso nos pagamentos. Os favelados conseguiram uma importante vitória com esses protestos e agora já foi liberada a ligação individual para cada barraco.

Saúde do povo no ECEM

Curitiba, PR — Dez milhões de brasileiros sofrem de doença de Chagas; 80 milhões são atingidos por verminoses; de meia em meia hora, morre um brasileiro vítima de tuberculose; 18 milhões sofrem de doenças mentais; no Nordeste, o índice de mortalidade infantil é de 140 mortos por mil nascidos vivos.

Esse sombrio panorama da saúde do povo brasileiro, causado pelos anos de afrocínio salarial e o descaso do regime quanto à saúde popular, foi levantado durante o 12º Encontro Científico de Estudantes de Medicina (ECEM), com o tema "Saúde e Educação", que contou com a presença de quatro mil estudantes de medicina de todo o país.

O Encontro deixou claro que o atendimento médico não atinge uma grande parcela da população, e a assistência, quando existente, é de má qualidade, embora haja enorme número de médicos desempregados. O sistema de saúde do governo e o particular, por sua vez, visam apenas explorar o lucro da doença e manter o trabalhador em condições de gerar mais lucros para os patrões, com total desvinculação de suas neces-

sidades de saúde.

A reunião dos estudantes, dessa forma, tem grande importância neste momento, por abrir um espaço político sufocado pela ditadura e permitir a troca de experiências sobre as lutas e propostas comuns, ainda que tenha uma deficiência: tenta oferecer propostas de solução tendo como referência aspectos de certa forma limitados à técnica, quando a questão da saúde exige um fórum mais amplo, a própria sociedade brasileira.

As propostas de reformas parciais do atual sistema de saúde, como ficou evidenciado, além de não superarem a crise, procuram impedir a participação popular, caindo portanto no jogo do regime. Nesse sentido, setores estudantis combativos apresentaram a proposta de "Saúde e Participação Popular", para que os estudantes de medicina e médicos, aliados aos demais setores da sociedade, lutem por mais verbas para a saúde e educação e pela formação médica voltada às reais necessidades do povo, combatendo com firmeza as propostas do regime militar. (da Sucursal)

Comitê de apoio a vítimas da seca

Fortaleza, CE — Foi criado nesta capital o Comitê de Solidariedade aos Atingidos pela Seca no Ceará, destinado a apoiar e divulgar de forma organizada a luta que o povo do interior trava pela sua sobrevivência neste período de seca.

Até o momento, o Comitê conta com a participação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, o DCE da Universidade Federal do Ceará, o Movimento de Defesa da Amazônia, o Comitê Brasileiro pela Anistia, União das Comunidades de For-

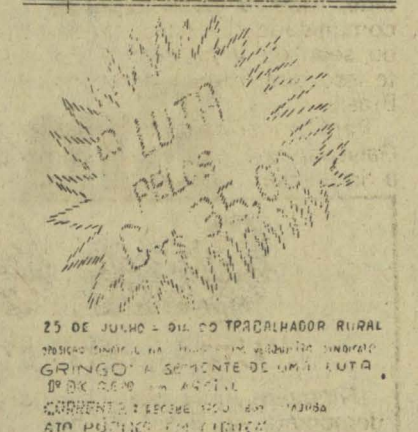
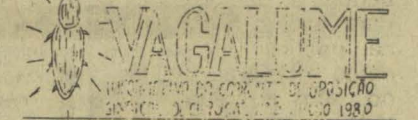
teza, FASE, União das Mulheres do Ceará e outras entidades democráticas e populares.

Em um abaixo-assinado que está circulando em Fortaleza, a entidade denuncia as condições de extrema fome e miséria em que vive a população, e exige o atendimento imediato das reivindicações apresentadas pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Ceará, pois o governo, além de ignorá-las, ainda não liberou o miserável pagamento dos trabalhadores inscritos no Plano de Emergência. (da Sucursal)

Novo jornal do povo: Vagalume

Castanhal, PA — A Corrente de Oposição Sindical de Curuçá, constituída pelos camponeses da região, lançou agora o seu boletim informativo, O Vagalume, destinado a noticiar o que está ocorrendo no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a luta em que a Corrente está empenhada para a conquista de um sindicato dos trabalhadores.

O Vagalume também deverá ser um animador do agricultor na vida sindical, na conquista de melhores condições de trabalho e como instrumento de luta das classes camponesas. (do Correspondente)



Chefes indígenas se reúnem no Acre

Rio Branco, AC — Entre os dias 28 e 30 de julho, na aldeia Kulina de Maronaua, no Alto Purus, foi realizada a assembleia dos chefes indígenas do rio Purus, com a participação de 40 líderes, representantes das tribos Jamamadi, Jaraura, Paumari, Apuríño, Kulina e Kaxinaua.

A terra, a exploração da mão-de-obra indígena, a corrupção da Funai e o problema da liderança em certos grupos foram os principais temas da reunião, na qual os chefes indígenas reafirmaram

sua decisão de unir-se, para encontrar formas eficazes de combate à exploração do índio pelo branco.

Os Kulina e Kaxinaua rejeitaram também o projeto da Funai que delimitou três áreas separadas para eles — uma maneira de colocar fazendas pecuárias entre as aldeias. Um dos chefes, ao exigir a demarcação de uma única área, advertiu: "queremos nossa terra demarcada. Se a Funai não mandar engenheiro, nós marcamos de braço mesmo". (do Correspondente)

Borel e Indiana contra despejo muito suspeito

Rio de Janeiro, RJ — Milhares de moradores das favelas do Borel e Indiana, nesta capital, estão ameaçados de despejo, depois que a Justiça determinou de forma no mínimo suspeita a execução de uma sentença datada de 1957, que deu ganho de causa à empresa Borel Meurn Imóveis, que se afirma proprietária das áreas ocupadas pelos favelados.

Os moradores, que não receberam nenhuma notificação oficial, sabendo da ameaça pelos jornais, começaram já uma campanha pela permanência nas favelas, mantendo várias reuniões e assembleias, com o apoio das associações de moradores do Borel e Indiana, da Federação de Associações de Favelas do Rio de Janeiro, da Pastoral de Favelas e do CECOMTI (Centro Comunitário da Tijuca).

Os advogados dessas entidades, que estão atuando no caso em defesa dos favelados, levantaram muitas dúvidas quanto à

legalidade do possível despejo, declarando que, até o momento, não tiveram acesso aos documentos apresentados pela Borel Meurn para comprovar a posse das áreas, pois o processo está sendo mantido em sigilo. Outro fato levantado foi a sentença de execução só ter sido determinada 23 anos após o parecer da Justiça, depois da área ocupada pelas favelas ter sofrido uma grande valorização.

Os favelados mostram grande revolta com as ameaças, recorrendo à resistência dos favelados do Vidigal às tentativas de despejo. Uma das diretorias da associação de moradores de Indiana, D. Lídia, disse à Tribuna Operária que "não se deve acreditar no que o governo diz e sim procurar lutar para ficar aqui de qualquer maneira". Sua opinião é apoiada por outros favelados, como Antonio Araújo, que afirmou: "se ninguém está obedecendo às ordens das autoridades, é porque algo está errado...". (da Sucursal)



O cartaz do Centro de Cultura Operária (CCO) está à venda em todas as suas sedes e sucursais da Tribuna em São Paulo. (Cr\$ 50,00)

CCO de S. Paulo inaugura mais uma sede

São Paulo, SP — O Centro de Cultura Operária (CCO) inaugurou dia 19 de julho sua sede na Zona Sul desta capital, situada na al. Santo Amaro, 471 - s/4, Santo Amaro, abrindo assim mais um local para a discussão e reflexão sobre a luta e a história da classe operária.

O ato contou com a presença do Movimento Contra a Carestia, o Movimento pela Reconquista do Sindicato dos Metalúrgicos de SP, sociedades amigos de bairro e entidades populares, além do vereador Benedito Cintra e o deputado federal Aurélio Peres. Faltando pela diretoria do CCO, José Duarte deu ênfase à luta da classe operária, afirmando que somente sob a direção desta é que as lutas do povo brasileiro serão vitoriosas.

A direção do CCO também anunciou as atividades que serão mantidas na sede, como cursos, sobre leis trabalhistas, palestras, exibição de filmes e outras, mantendo-se inicialmente plantões fixos nas 2ªs e 5ªs-feiras à noite. A sede servirá ainda como sucursal da Tribuna Operária na região.

Tribuna Operária

Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar; Jornalista responsável: Pedro de Oliveira

Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, Capital, CEP 01325, tel. 36-7531.

Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa CEP 20241; Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem CEP 30000; Bahia: R. Padre Vieira, 5, s/307 - Salvador CEP 40000; Rio Grande do Sul: R. Gen. Câmara, 32 s/ 29 - Centro, Porto Alegre CEP 90000. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa na Cia. Editora Jorjéis.

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA			
Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.			
ASSINATURA ANUAL DE APOIO			
Nome	Cidade		
Profissão	Idade		
Endereço	CEP		
Bairro	Fone		
Estado			

Estou remetendo um cheque de Cr\$500,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. Banco Itaú Agência Jaceguai - conta nº 03154 São Paulo - Capital.

Fundação Maurício Grabois

Tancredo teme campanha na rua

É na luta pelos objetivos que se impõem em cada momento político que os trabalhadores aprendem a pesar os prós e contras de cada um dos seus aliados. O doutor Tancredo Neves, senador mineiro do PP, por exemplo, marcha até certo ponto ao lado das forças populares, na medida em que faz certa oposição ao governo Figueiredo, concorda com certa bandeiras democráticas e em especial diz-se partidário da convocação de uma Assembleia Constituinte. No entanto, isso não quer dizer que não se aponte sem piedade os limites bastante modestos dessa ação comum.

Ainda este mês Tancredo manifestou sem corar seu medo de uma *campanha pela Constituinte*, argumentando que ela possui "ingredientes explosivos" e poderá levar à "desordem".

Como industrial, fazendeiro e político conservador, ele teme acima de tudo a liberação efetiva das energias do povo, que arrisca levar de embrolhada seus interesses de classe. Tancredo bem que gostaria de uma Assembleia Constituinte, mas vacila em pagar por

ela o preço de uma campanha política de *massas*, ampla, enérgica, capaz de criar as premissas para que a Constituinte seja livre e soberana de fato.

Por isso mesmo, e para evitar a "desordem nas ruas", o senador dirigiu-se sem a menor cerimônia ao general Figueiredo. "Só o presidente — disse — pode evitar uma crise institucional, enviando mensagem ao Congresso no sentido de elaborar uma nova Constituição. Com todas as falhas, é preferível que o Congresso elabore uma nova Constituição do que continuarmos no caos político em que nos encontramos e que levará ao imprevisível".

Ocorre que o governo Figueiredo, apesar de ter a mesma aversão de Tancredo ao povo nas ruas, não está disposto a ceder a ele uma fatia do poder, ao menos enquanto puder evitá-lo. E a consequência é que, querendo ou não, o presidente do "Partido Popular" vê-se obrigado a engrossar a luta pela Constituinte. Uma luta que, se depender da vontade do povo, será explosiva sim, para demolir de alto a baixo o velho edifício da ditadura.



O FMI manda, Delfim obedece

Delfim Netto está de parabéns. Dentro do Brasil, a maioria esmagadora das pessoas anda com ganas de pendurá-lo no primeiro poste; mas no exterior, os banqueiros do FMI escreveram um documento que apóia "calorosamente o consistente e substancial pacote de medidas" adotado pelo governo — o já famoso "pacote de dezembro".

O FMI (Fundo Monetário Internacional) é um personagem destinado a ficar cada vez mais famoso no Brasil. Criado depois da II Guerra Mundial, ele funciona como uma espécie de superbanco, com participação majoritária de capitais norte-americanos e também alemães ocidentais, japoneses, ingleses, franceses e até da Arábia Saudita, ou seja, de quem tem muito dinheiro.

Nestes tempos de crise econômica, é o FMI que indica aos poderosos banqueiros internacionais quem deve e quem não deve usufruir do duvidoso benefício dos empréstimos de capital. Para isso, o FMI costuma meter o nariz na política interna dos países candidatos a contrair dívidas, inclusive ditando, sem a menor cerimônia, sua vontade, que é a vontade da chamada comunidade financeira internacional — ou seja, do imperialismo. Foi justamente isso que acabou de acontecer com o Brasil.

Para o ministro da Fazenda, Ernane Galvão, que exibiu o documento para a imprensa no dia 16, com ar feliz,

trata-se de uma prova do crédito desfrutado pela política econômico-financeira do governo brasileiro. Mas o Fundo Monetário Internacional não se contenta em felicitar a política de Delfim. Faz também "recomendações", que soam mais como ordens: quer que o governo relaxe o controle dos preços, deixando a carestia disparar a vontade. Quer também uma nova política salarial, mais dura ainda, acabando, por exemplo, com os reajustes semestrais.

E há ainda ameaças veladas no documento. Os banqueiros internacionais afirmam que "como no passado, o Brasil continuará necessitando recorrer de forma substancial ao mercado financeiro internacional". E arrematam: "Embora existam incertezas, deverá ser possível ao Brasil levantar os recursos que necessita, embora a custos mais elevados do que no passado".

As "incertezas", no caso, são quanto à rapidez e eficiência do governo Figueiredo na aplicação das orientações do FMI.

Ora, os trabalhadores brasileiros, mesmo que não conheçam o bastante sobre o FMI, sabem de sobra como é o governo dos militares, como ele apostou tudo na desnacionalização da economia e serve aos interesses das multinacionais. Podem, portanto, tirar suas conclusões sobre os riscos que as "recomendações" do FMI representam para sua pátria.

Que é social-democracia?

Uma corrente que acomoda o movimento operário ao capitalismo.

Ninguém quer ser chamado social-democrata no Brasil de hoje. Até os brizolistas, que no exílio diziam sê-lo, hoje se desdizem. É que existe nos meios operários uma saudável desconfiança da social-democracia, bastante difundida.

Mas isto não quer dizer que o movimento operário brasileiro esteja vacinado contra ela. Pelo contrário, hoje, mais do que antes, é preciso conhecê-la bem para poder identificá-la e combatê-la.

Partidos acomodados

Os primeiros partidos social-democratas, fundados na Europa há mais de um século, representaram um avanço. Sua base social era a classe operária e guiavam-se pelo marxismo. Naquela época, social-democrata era um título honroso pra os trabalhadores.

Mas com o tempo aqueles partidos foram se acomodando ao desenvolvimento "pacífico" do capitalismo, à luta meramente eleitoral e parlamentar, a compromissos nem sempre justificáveis com a classe dos capitalistas. Na busca de vantagens imediatas, perderam de vista seu objetivo final. Cairam no oportunismo.

Quando estourou a guerra de 1914/1918, esses partidos foram incapazes de responder à situação revolucionária que se criou e cometeram sua primeira grande traição. Cada qual fez coro com a burguesia de seu país

nos apelos para que os trabalhadores se matassem uns aos outros no campo de batalha. Somente o Partido Social-Democrata da Rússia, liderado por Lênin, denunciou a guerra de rapina. Resultado: somente na Rússia a classe operária pôde aproveitar a situação revolucionária e livrar-se da escravidão capitalista.

Para marcar a diferença com os oportunistas, o partido de Lênin passou a chamar-se Partido Comunista. Os operários dos mais diferentes países criaram também seus partidos comunistas, para seguir o exemplo da Revolução de Outubro na Rússia.

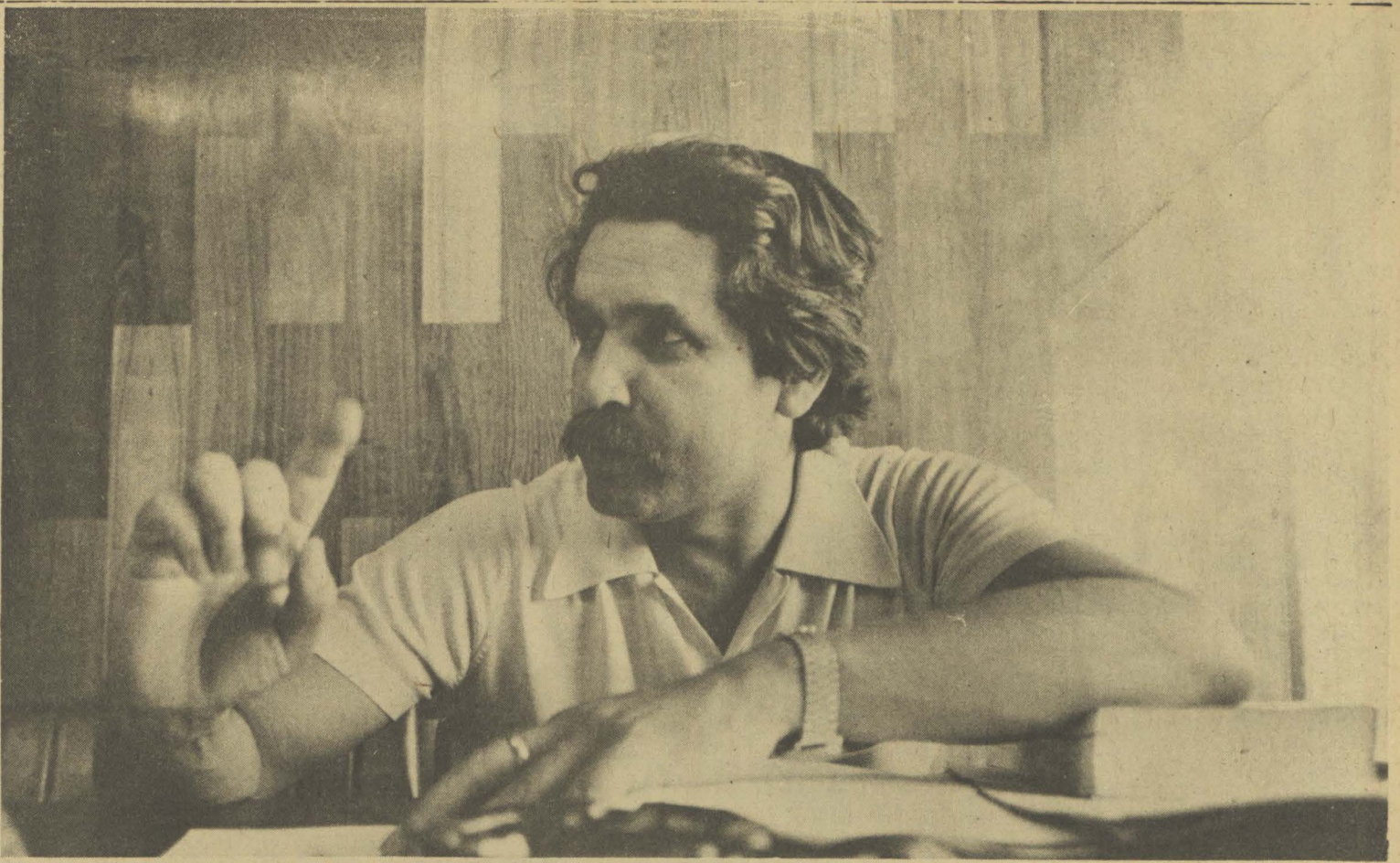
Qual a base de classe

Lênin apelidou os partidos social-democratas de "partidos operários burgueses" — quer dizer: operários pela sua composição, mas burgueses pelas suas idéias e pela sua prática.

A base de classe do oportunismo social-democrata está normalmente naquela camada do operariado que os patrões corrompem com altos salários e privilégios. Essa corrupção se intensificou quando o capitalismo entrou na fase dos monopólios e mais ainda depois da Revolução de 1917 na Rússia. Os capitalistas perceberam que o seu reinado estaria com os dias contados se não houvesse gente trabalhando para eles dentro do próprio movimento operário e socialista.

Atualmente os partidos social-democratas deixaram de lado até as

Olivio Lamas



Olívio Dutra: Assembléia Constituinte sim, mas convocada por um governo democrático

Olívio prega Constituinte

Olívio Dutra, presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, cassado durante a greve de setembro passado, voltou ao trabalho no último dia 18 e no mesmo dia era visto distribuindo aos colegas de agência folhetos do Sindicato. Pouco antes, ele concedera à Sucursal gaúcha da *Tribuna* uma entrevista exclusiva, considerando "urgente" a luta "por uma Assembleia Constituinte livremente eleita e convocada por um governo provisório democrático".

Este posicionamento cresce de importância por ser Olívio membro da Comissão Nacional Provisória do PT e uma liderança cujo prestígio vai bem além das fronteiras de sua categoria, de

tituinte por si só seja uma alternativa de poder. Mas o movimento popular deve se encaminhar no sentido de construir estas condições e constituir-se no instrumento que dará conteúdo e direção para a campanha.

"O movimento popular dará a direção para esta campanha"

TO — E qual tua opinião sobre a decisão que o Encontro Nacional do PT tomou a este respeito?

OD — O Encontro Nacional do PT, ao decidir não incluir a questão da Constituinte no seu programa, nesta fase de registro provisório, longe esteve de, negar a importância do debate em torno do tema. Tanto é que assim que a questão foi remetida para ampla discussão nas bases, que são as centenas de núcleos do partido. Aliás, a questão da Constituinte não poderia ser incluída no programa sem ser precedida desse debate.

TO — Como se dará essa discussão dentro do PT?

OD — Será necessariamente vinculada às questões concretas vividas pelos trabalhadores. Há necessidade inclusive de explicitar e popularizar conceitos como Constituição, Constituinte, Governo Provisório e Democrático; responder a questões como: por que a Constituinte? quando? como? com quem? de quem? para que? e para

quem?

No PT a questão da Constituinte não deverá ser encarada como uma palavra mágica em torno da qual o povo se mobilizará. Para nós a mobilização e a organização popular é que darão à Constituinte o conteúdo e a forma que os explorados e oprimidos desejam.

"Aqui em Porto Alegre estamos preparando assembléia unitária"

Aqui em Porto Alegre, por exemplo, eu e outros companheiros estamos participando, junto com setores conseqüentes do PDT e PMDB, de conversações prévias visando a realização de uma Assembleia Unitária para a qual deverão ser convidados representantes de todo o movimento popular do Estado para amplamente debatermos a questão da Constituinte. O núcleo dos bancários do PT de Porto Alegre tirou, em sua última reunião, uma proposta de se convocar, através da Executiva Municipal Provisória, todos os demais núcleos da Grande Porto Alegre para uma plenária exclusivamente em torno da Constituinte.

Esta discussão é necessária porque aproxima as forças populares que, não obstante estarem neste ou naquele partido de oposição, buscam uma prática comum vinculada à superação do atual regime.

Atos de solidariedade latino-americana

Brasileiros se mobilizam para denunciar projeto que facilita expulsão de estrangeiros.

A lei dos estrangeiros que está tramitando no Congresso Nacional por toda parte encontra o repúdio dos democratas. As entidades populares e vários parlamentares se manifestam em defesa dos perseguidos e refugiados que procuram o solo brasileiro.

O Comitê Brasileiro pela Anistia, o Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Latino-americanos, o Clamor, o Movimento de Justiça e Direitos Humanos, os partidos de oposição estão se mobilizando e demonstram grande unidade: todos estão contra.

Na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, no dia 10 de julho e no Sindicato dos Jornalistas em São Paulo foram realizados atos públicos de protesto, sendo que o último reuniu cerca de 300 pessoas.

Em São Paulo, entre outros, oradores o advogado Belizário ressaltou que o Brasil e outros países da América Latina foram os pioneiros em todo mundo na concessão do direito de asilo e a junta militar em 69 arrebentou com esse direito. Também citou que a lei inclui a criação de um odioso Polícia de Imigração, que pode perseguir até mesmo os brasileiros que derem qualquer tipo de ajuda material a estrangeiros em situação de perseguição política.

Foi ressaltado também que a nova

lei não passa de uma manobra conjunta dos ditadores da América Latina que achem como se tivessem liberdade para prender e torturar seus opositores mesmo fora do território de seus países.

Mas a parte mais importante da reunião de São Paulo foi no campo das propostas práticas que conseguiram a aprovação total do plenário.

O Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Latino-americanos, na pessoa de Paulo Schilling propôs três pontos principais como eixo da luta: manifestações populares contra a nova lei (dia 4 de agosto às 20 horas haverá um ato de proporções maiores, no Tuca de S. Paulo e com a presença do conjunto Raízes de América); luta pelo direito de asilo; e luta pela anistia a todos os estrangeiros perseguidos que estejam em território nacional. Outra importante proposta foi a de programar atos de protesto contra a visita do General Videla, assassino de mais de 8 mil patriotas argentinos, que virá ao Brasil no dia 19 de agosto.

As ditaduras militares da América Latina estão se unindo no propósito de "esquivar os povos" as reuniões e manifestações públicas contra a lei dos estrangeiros e a solidariedade aos povos perseguidos pelo fascismo estão hoje na ordem do dia.

Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Latino-americanos



A polícia na borta da Usiminas, impotente perante a firmeza

Caminhões parados

Uma greve bem conduzida

A dispensa de seis companheiros foi a gota d'água que transbordou. Os 80 caminhoneiros autônomos que trabalham no entreposto da Usiminas em Santa Luzia resolveram ir à greve. Já haviam parado uma vez em 1979 e outra há três meses, sem resultado. Mas eles insistiram até ganhar.

Exploração pesada

São 14 empresas encarregadas da distribuição de aço da Usiminas na região metropolitana de Belo Horizonte. Elas só pagam aos autônomos a metade do que recebem da Usiminas e mesmo quando a Usiminas aumentou o frete pago às empresas os caminhoneiros ficaram na mesma. Estes reivindicaram um frete de 150 cruzeiros por tonelada em qualquer entrega e depósito de 135 cruzeiros. A resposta foram as dispensas.

Quem busca apoio acha

Logo na sexta-feira, 4 de julho, começou a greve. As empresas tentaram esvaziar o movimento usando seus próprios caminhões. Mas os grevistas conversaram com eles e a voz da solidariedade falou mais alto. Não houve carregamento.

Vem então o primeiro recuo dos patrões, que prometem a volta de quatro dos dispensados. Mas os caminhoneiros já estão cansados de promessas não cumpridas e continuam firmes nos 150 por tonelada e a readmissão de todos os seis. A polícia é chamada e procura jogar os caminhoneiros das empresas retomaram

Na porta da Fiat-RJ

Demissões e repressão

A Fiat de Caxias, perto da cidade do Rio de Janeiro, ficou conhecida no ano passado por sua greve contra a demissão arbitrária de um operário, vitoriosa ao fim de um dia. Também ali os metalúrgicos têm muito o que contar sobre os crimes do capital contra o trabalho. Como o caso de Adalberto, pai de três filhos, que morreu dentro da firma, esmagado por uma empilhadeira, mas em cujo inquérito na Justiça do Trabalho consta que a morte ocorreu na rua. Ou Aluísio, que tinha inclusive problemas psiquiátricos adquiridos na empresa; morreu em serviço mas a viúva e os filhos até hoje não receberam um centavo de indenização.

As demissões são constantes. Já houve até assembleias sobre isso. A empresa diz que a culpa é da greve do ABC, que obrigou a reduzir a produção. Mas os operários da Fiat garantem que a produção não diminuiu. Nos últimos meses houve menos demissões, porque a empresa teria que pagar dois avisos prévios e ainda o aumento de agosto. Mas a contar do primeiro semestre de 1979, mais de 1.700 operários já foram para a rua. Um membro da Comissão de Salários comenta: "o que tinham que mandar embora de horistas já mandaram. Agora a maioria é mensalista". E há notícias de que depois de agosto mais 30% (de um total de 3.200) operários serão despedidos.

Outro problema sério é a repressão. O chefe do Departamento de Segurança, Almeida, velho inimigo dos trabalhadores, há dois anos prendeu um operário um dia inteiro, ofendendo-o, acusando-o de "maconheiro". "Tem duas pessoas conversando" — conta um operário — o Almeida chega e entra no meio para saber o que é". Além disso, costuma a convocar os bombeiros para viciar as filas nos refeitórios. Na saída, todos são revistados.

Ha ainda os salários, bastante insatisfatórios, e muito mais. O trabalhador com menos de dois anos na Fiat é obrigado a prestar serviço noturno que a empresa mandar. Na maioria das vezes vai para o turno da noite, o pior (das 19 às 4 horas). Se não aceitar é demitido. E se dormir um pouco, na hora do intervalo, vem o Almeida, acorda e ainda anota o nome. Até algum tempo atrás a comida também estava fora das normas, inclusive do próprio contrato com a Riga, que presta serviços de alimentação à Fiat. Se melhorou, foi graças à atuação da CIPA, da Comissão de Salários e da Delegação Sindical.

Sobre o sindicato, um operário comenta: "O sindicato pode não valer nada, mas somos nós. Se não juntar todo mundo não vamos fazer nada não". (da Sucursal do Rio de Janeiro)

seu trabalho.

Na terça-feira os patrões usaram caminhoneiros de outros Estados para tentar furar o movimento, com cobertura da polícia. Os grevistas encostaram dois caminhões na portaria da Usiminas e ainda sentaram na rua. Foi quando os vinte policiais presentes prenderam o carreiro Marcos, que surgiu como liderança na greve. Para que? Os caminhoneiros começaram a se reunir para libertar seu companheiro e a polícia, que já havia chamado o DOPS, teve que se render à correlação de forças desfavorável e deixar Marcos em liberdade. Quando os PMs ameaçaram prender e bater, a resposta de um trabalhador foi que estava pronto até para morrer, mas não ia recuar.

Vitória de alto a baixo

Depois disso, os patrões se renderam. Chamaram os grevistas para negociações com as empresas e a Usiminas e aceitaram a volta dos seis dispensados, o frete de 150 cruzeiros por tonelada (embora com algumas variações de preço), a não realização de represálias. Quando o DOPS chegou, com suas metralhadoras, cassetetes e algemas, já não havia o que fazer. A vitória já era dos trabalhadores.

Mas eles mesmos dizem que "isso foi só o começo". A nota que aprovaram afirma: "Nós continuamos firmes nas nossas reivindicações até chegarmos à vitória. Mostramos que nossa união foi decisiva nas nossas conquistas e soubemos nos manter, do início ao fim da greve, de cabeça erguida, mostramos nossa força. Vimos um poderio enorme de grandes empresas, tendo como guardião de seus interesses a polícia, ser balançado por nosso movimento". (da Sucursal de Belo Horizonte)

Na porta da Ford do Ipiranga-SP

Patrão acha operário animal

"Pra mim o maior problema da fábrica é que os chefes pensam que os peões são animais. Eles exigem muita produção. Parece que a gente trabalha num cativeiro de escravos", desabafa um nordestino, operário do setor de produção na unidade fabril da poderosa Ford Motors do Brasil no bairro do Ipiranga, São Paulo.

A Ford possui três monstruosas unidades em São Paulo: Ipiranga, São Bernardo e agora conclui outra em Taubaté, fugindo do centro industrial onde a luta de classes é mais acirrada. No país ela conta com todos os incentivos governamentais, com mão de obra e matéria-prima barata, e explora ao máximo os operários, tanto nas horas extras obrigatórias como no intenso ritmo de trabalho.

Fatores são jagunços

"O que não falta na Ford são feitores, os capa amarela. Tem mais do que peão. E eles tratam o trabalhador gritando, xingando, principalmente quando está perto um 'gravata' (gerente). Os feitores não têm capacidade, não entendem nada do trabalho, só sabem mandar. Por isto são escolhidos, só para exigir produção", conta o mesmo nordestino que confessa ter muitas brigas com estes "jagunços".

Um outro operário do setor de funilaria faz questão de ver publicado o nome de dois "jagunços", feitores. "O Antonio Coelho e o Antonio, 'Gordo', são os que mais perseguem os operários dentro da fábrica. Obrigam o pessoal a fazer tudo. Só dão valor para o cara enquanto ele esta se matando de trabalhar".

Hora-extra é obrigação

Para obter mais lucro, empregando menos trabalhadores, a empresa obriga os operários a fazer horas extras, desrespeitando a falha legislação trabalhista. "Há três semanas atrás dois camaradas da mecânica foram mandados embora só porque não fizeram hora-extra no sábado", denuncia um jovem funileiro; e um ferramenteiro completa: "Aqui na Ford quem não faz hora-extra se estrepa. Se for operário qualificado ainda arruma uma desculpa de vez em quando, mas se é peão da produção cai fora, isso é rotina".

Para manter este sistema opressivo no interior da fábrica, a Ford possui além dos feitores e demais "chefes", muitos dedos-duros, que se vendem por promoções, e também pessoas preparadas para desmobilizar a categoria.

"Durante a greve de 79 tinha gerente que pagava bebida para o peão, impedindo este de ir às assembleias. Eles vivem dizendo que a gente não deve ir atrás do sindicato e nos ameaçam de

Em Minas ENTOES teve peso

O encontro regional do ENTOES em Minas Gerais, realizado em Contagem no dia 13, foi bem diferente, para melhor, dos que ocorreram em outros Estados. Bem mais representativo, combativo e equilibrado, diferiu sobretudo do encontro de S. Paulo, onde dominaram as idéias estratoféricas de pequenos grupos sem ligação efetiva com o movimento sindical.

Em Contagem estiveram presentes sindicatos de peso como os dos metalúrgicos de João Monlevade, dos Médicos de Belo Horizonte, dos Petroleiros, das Telecomunicações e dos Trabalhadores Rurais de Teófilo Otoni; sindicalistas prestigiados pela massa trabalhadora, como João Paulo Pires e Olívio Dutra; e oposições sindicais empenhadas realmente em devolver os sindicatos aos trabalhadores, e não em praticar o sindicalismo paralelo. Participaram ao todo 25 categorias e várias cidades.

Após discussões em grupos e uma plenária final, foram aprovadas as bandeiras de luta pelo salário mínimo real, unificado, estabilidade e garantia no emprego, reintegração dos sindicalistas cassados, liberdade e autonomia sindical, contra a carestia e pelo congelamento dos gêneros de primeira necessidade, pela reforma agrária e pelo direito de greve.

Em outras resoluções de importância fundamental, o encontro condenou o divisionismo e o paralelismo sindical, apoiou a formação de chapas combativas em oposição às diretorias pelegas, reforçando as oposições que buscam conquistar as entidades e torná-las representativas.

Outro ponto importante foi a recomendação de que sindicatos e entidades populares e democráticas atuem em unidade. O encontro apoiou a formação de comitês de apoio e solidariedade compostos por diferentes categorias e movimentos populares, contrapondo-se, na prática, a um certo isolacionismo da Unidade Sindical mineira, na qual decidiu-se que é positivo participar.

A maior limitação das resoluções mostrou-se na hora de votar a luta por uma Assembleia Constituinte. O plenário mostrou-se dividido e houve algumas incompreensões, como a de considerar a Constituinte como uma proposta político-partidária.

O ENTOES nacional contará com 36 delegados de Minas, entre eles seis metalúrgicos, seis professores, seis comerciantes, bancários, médicos e tecelões, entre outras categorias. (da Sucursal de Belo Horizonte)



Itaipu vai inundar as terras desta gente

3 mil contra Itaipu

Usina-gigante toma terras por preço de banana. Lavradores não aceitam injustiça.

Revoltados com o injusto sistema de desapropriação de suas terras, os pequenos agricultores da área que será inundada pela maior hidrelétrica do mundo concentraram-se em massa diante do escritório da empresa, na manhã do dia 14, em Santa Helena, Paraná. Eles querem aumento de 100% nas indenizações, correção a cada 90 dias de acordo com a inflação, pagamento no máximo em 90 dias e terras no Paraná.

Direto com o governo

Como não foi possível um acordo com o representante da Itaipu, considerado pelos lavradores como "incompetente e enrolador", este tomaram uma decisão drástica: tantar negociar diretamente com o governador Ney Braga, o presidente da Companhia, coronel Costa Cavalcanti, e os ministros César Cals e Amaury Stábile.

Quase três mil pessoas participaram da concentração, convocada pela Comissão dos Agricultores e pela Comissão Pastoral da Terra de Santa Helena, presidida pelo combativo pastor protestante Werner Fuchs. Tratores e caminhões com cartazes e faixas amanheceram na Avenida Brasil, diante do escritório. Os trabalhadores improvisaram um palanque com a carreta de um trator, um sistema de comunicação, batizado de "Rádio Justiça" e gritaram: "Não arredaremos pé. Só sairemos daqui depois que nossas reivindicações forem atendidas".

Carta de Santa Helena

Numa carta distribuída à população eles explicam sua luta, dizendo: "Ao povo, ao governo e à Itaipu: Ao ser decretada a construção da Hidrelétrica de Itaipu, e no período que

se seguiu, a empresa construtora não poupou palavras bonitas para nós agricultores. Passados cinco anos de pressão psicológica que acabou com a nossa paciência, o preço oferecido pelas terras na indenização não ultrapassa a metade do valor.

Como é que fica a nossa situação? Querem nos expulsar para o Paraguai ou para a Amazônia, pois com a indenização não conseguiremos comprar novas terras na região. Governador, INCRA — queremos terra no Paraná. Não nos expulsem. Sabemos plantar e colher, mas só no Paraná".

Relatos dramáticos

Os lavradores encarregados da negociação com as autoridades fizeram, às vezes com lágrimas nos olhos, relatos dramáticos como este:

"Olha, moço, é triste lembrar a luta que tivemos para desbravar estas terras. Eu vi meu pai perder a vida para assegurar aos filhos o direito de ficar na terra. Meu irmão foi assassinado nos tempos do jagunçismo, lutando pelo mesmo ideal. Agora, com a situação tranqüila, aparece a Itaipu para expulsar todo mundo das propriedades, pagando uma ninharia".

Outro agricultor disse: "Depois que a Itaipu anunciou a desapropriação, isto aqui virou um inferno. Nem crédito temos, pois os bancos e a cooperativa não confiam mais na gente, sabendo que de uma hora para outra podemos ir embora. A terra, nossa principal avaliação, já não é mais nossa".

"A Itaipu está jogando sujo", afirmou outro. E o pastor Fuchs comentou que "esse pessoal da Itaipu é altamente gabaritado na prática de agir sempre com tapeação". (da Sucursal de Curitiba)

Por que a PM só desarma posseiros?

"Disseram-me que eu não continuasse a trabalhar, pois do contrário me dariam uma surra de peia e me amarrariam os quatro pés, como um porco, colocariam num helicóptero e soltariam muito longe, para eu nunca mais voltar. Estamos passando muito sofrimento, na pobreza, ameaçados e correndo o perigo de morte a qualquer momento, sem condições de reagir".

A sofrida declaração é de um posseiro da região do "Bico do Papagaio", no extremo norte de Goiás, ameaçado pela Polícia Militar. E um exemplo do que está acontecendo nas últimas seis semanas em povoados de diferentes municípios. Os PMs, sempre cinco ou seis, vêm acompanhados de fazendeiros e grileiros, também armados. Invadem as casas dos lavradores, roubam-lhes as espingardas e ferramentas, obrigam os posseiros a assinar a carteira de agregado (que os coloca como invasores das terras) e criticam os padres da região, dizendo que são "todos comunistas e terroristas, que moram com mulheres".

Para frei Henrique Des Roziers, da Comissão Pastoral da Terra de Tocantins e Araguaia, "esta é uma nova tática do governo na defesa dos grandes fazendeiros. Antes eram os jagunços pagos que usavam a violência para expulsar os posseiros da terra.



Em passeata, o povo comemora feliz a conquista da Fazenda Primavera

"Primavera é nossa!"

A cidade de Andradina, SP, ficou assustada com tanta comemoração: dia 9 uma passeata de 200 lavradores e dia 13 outra de quase mil, que terminou numa missa com 2 mil pessoas presentes, para festejar a vitória da Fazenda Primavera. E que depois de muita luta o governo finalmente assinou o decreto que desapropria as terras da fazenda, pretendidas pelo famigerado J.J. Abdalla. Mesmo com a vitória alcançada, as 300 famílias que ali moram continuam a sofrer ameaças dos jagunços a mando de Abdalla; mas uma invasão já foi bloqueada pela justiça e os moradores prometem que não tolerarão

mais nenhuma. O próximo passo para os trabalhadores rurais de Andradina agora é tomar seu sindicato, controlado desde 1968 por pelegos a serviço dos Abdalla. José Santos Almeida, líder da chapa de oposição, contou que o pelego é tão ruim que quando a coisa ficou preta ele fugiu para a praia. E Valdeci Rodrigues de Oliveira, o presidente da chapa autêntica, apontou o futuro da luta no campo: "A reforma agrária é uma solução não para quanto necessário, pois os camponeses sem terra é igual a um peixe fora d'água". (Marcelo Moraes, enviado especial)

União nos bancos

Bancários de todo o Brasil decidem unificar campanha deste ano. Pelegos tentam tumultuar encontro.

Com a participação de 289 dirigentes sindicais e delegados de base de quase todo o país, realizou-se nos dias 19 e 20 de julho, o 5º Encontro Nacional dos Bancários e Securitários, promovido pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito (CONTEC). Houve vários incidentes, numa luta acirrada entre os dirigentes sindicais pelegos e vacilantes, dirigidos pela diretoria da Contec, e os sindicalistas autênticos, liderados pelos sindicatos de várias capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Fortaleza, Brasília, Natal, Belo Horizonte, Salvador).

Unificação das lutas

Para a maioria das delegações comprometidas com a categoria bancária, o Encontro foi positivo. Segundo um representante de base de Salvador, ele "significou um avanço em relação aos outros Encontros da Contec, em que os delegados não tinham vez e só tinha pelego decidindo o destino da categoria no país". Desta vez houve assembleias preparatórias e eleição de delegados na base.

Outro fator positivo é que foram aprovados vários pontos que unificaram a categoria à nível nacional na próxima campanha salarial, em setembro. Decidiu-se que nem a Contec nem qualquer diretoria sindical poderão entrar em acordo, dissídio ou greve sem antes consultar o restante do país. Aprovou-se como reivindicações unitárias aumento salarial de 15% acima do INPC, estabilidade no emprego, delegado sindical, jornada de seis horas, creche nos bancos, reintegração dos dirigentes cassados, liberdade e autonomia sindical.

Para encaminhar estas reivindicações, "já que se sabe que a direção da Contec e vários dirigentes sindicais pelegos e conciliadores não o farão", segundo um delegado de Fortaleza, decidiu-se pela formação de uma Coordenação Nacional da Campanha, com um representante da Contec, um representante de cada Federação ou Sindicato interessado e um delegado da base de cada cidade.

Autoritarismo da Contec

Durante todo o encontro ocorreram inúmeros incidentes, provocados pelo autoritarismo do presidente da Contec, Nilson Moura. Desrespeitou-se a vontade da plenária, impondo-se que a votação fosse por presidentes de entidades. Para esta manobra a Contec obrigou a presença da maioria dos dirigentes pelegos restantes, principalmente do interior dos Estados. Chegou-

se a impedir a votação de moções, como uma contra a intervenção nos sindicatos porque, segundo o pelego, "não são de interesse da categoria".

Para dividir a categoria no país a direção da Contec permitiu até provocações do presidente do Sindicato de Belém do Pará, conhecido por todos como policial a mando dos banqueiros e do regime, o barbudo Carlos Levy. "Tudo isto ajuda a desmistificar a postura pretensamente liberal da direção da Contec, que no fundo está a serviço do Ministério do Trabalho e dos patrões", afirmou Olívio Dutra, dirigente cassado de Porto Alegre.

Pelegada com medo

A disputa entre pelegos de um lado e autênticos do outro chegou ao auge na tarde do dia 20, quando foi denunciada a prática fascista de Levy em Belém, tentando expulsar do sindicato uma militante de base. Neste momento houve agressões físicas e, aproveitando-se do fato, Wilsom Moura encerrou arbitrariamente o Encontro, sem consultar o plenário. Com a saída da direção da Contec e alguns sindicatos, as direções mais comprometidas continuaram a reunião com o único objetivo de concretizar as propostas já aprovadas. Foi decidido que caso a Contec não convoque a reunião da Coordenação ela será feita nos dias 9 e 10 de agosto e que a data nacional de entrega das reivindicações aos patrões será o dia 31 de julho, sendo aguardada resposta até o dia 15 de agosto.

"Este encerramento arbitrário, segundo o dirigente de Porto Alegre, Luis Felipe, demonstra que a correlação de forças no movimento bancário é ruim para os pelegos, que vêm as direções dos principais sindicatos serem ganhas pela oposição".

A base é o principal

Quanto à mobilização da categoria no país, ainda é cedo para conclusões. A presença em assembleias será mais intensa em fins de agosto. O descontentamento da categoria é grande, principalmente no que se refere à insegurança no emprego. Em Salvador, por exemplo, o Banorte e o Baneb estão demitindo funcionários sem explicações, tanto para conter despesas como para amedrontar os bancários.

Conforme ressaltou um dirigente sindical de Fortaleza, "não adianta somente os acordos por cima, na direção das entidades. O mais importante é o trabalho de base nos bancos, organizando os companheiros, mostrando os caminhos corretos para a categoria".



1º CNPE: aqui os trabalhadores do ensino discutiram sua luta

Professores fazem Congresso Nacional

Oitocentos delegados de 15 Estados e do Distrito Federal reuniram-se no dia 14 de julho, no Primeiro Congresso Nacional dos Profissionais de Educação (CNPE), para discutir as formas de luta e organização da categoria. Os debates se desenvolveram em três níveis: painéis, discussões em grupos e sessões plenárias.

Pela educação popular

Nos painéis os maiores destaques ficaram por conta da *Educação Popular*, posta em prática em cursos supletivos de sindicatos, núcleos de educação na periferia das cidades e nas zonas rurais, comunidades de base, com uma proposta educacional comprometida com os interesses dos trabalhadores e do povo. E também o painel coordenado pelo Fundo de Greve dos metalúrgicos de S. Bernardo, que colocou em pauta a importante questão da solidariedade política e material entre os trabalhadores.

Categoria explorada

Os debates em grupos fizeram o balanço da situação e das lutas dos profissionais da educação. Ficou claro que o quadro do ensino é uma das grandes vergonhas nacionais, com o governo destinando menos de 2% do seu orçamento para o setor e professores ganhando salários de 1.800 cruzeiros mensais, como é o caso dos regentes na Paraíba.

Ficou claro também que a categoria deu um verdadeiro salto adiante nos últimos dois anos, tanto em termos de consciência e experiência de luta como ao nível da organização. No Acre, por exemplo, os professores fizeram uma greve memorável este ano e conseguiram 100% de aumento salarial. Mesmo assim, a maior parte da categoria, que tem apenas a oitava série de escolaridade, percebe um salário irrisório de 3.490 mensais. Mas talvez o mais importante tenha sido o fruto da greve ao nível sindical: a diretoria pelega da Associação foi forçada a

renunciar e os professores elegeram outra, fiel aos seus interesses e surgida no próprio fogo da greve.

Um processo mais ou menos semelhante ocorreu com o sindicato de Minas Gerais, durante a greve do ano passado. E quanto a Goiás, Cleovan Siqueira, da nova diretoria da CPC, comentou para a *Tribuna*: "A greve mexeu com todos; mobilizou 90% dos educadores do Estado, praticamente 80% dos estudantes, foi engrossada por uma paralisação de três dias na rede particular e nas três universidades do Estado. Só o governo ficou contra os professores. E a CPG teve um crescimento estrondoso, fabuloso".

Professorado unificado

As deliberações mais importantes do 1º CNPE foram as que avançaram no sentido de unir a categoria em plano nacional:

Foi deflagrado o processo de criação de uma entidade nacional representativa de todos os profissionais da educação, que deverá ser formada no próximo Congresso, em Recife, janeiro de 1981. Elegeram-se uma Comissão Executiva composta por entidades e delegados de base, para encaminhar as lutas e o processo de criação da entidade.

Definiu-se o eixo principal das lutas dos professores de todo o país num futuro imediato: uma campanha pelo reajuste semestral dos salários, conquistada já consagrada para outras categorias. O Congresso assumiu também a proposta da UNE, de fazer do 12 de setembro um Dia Nacional de Luta que unifique estudantes, professores, pais de alunos e todos os setores ligados à educação. Para outubro está prevista a 2ª Semana de Educação. E no dia 15 será entregue ao ministro da Educação e aos governadores um abaixo-assinado reivindicando o reajuste semestral.

No plano das grandes bandeiras de interesse geral, o CNPE decidiu abrir o debate na categoria sobre a conveniência da campanha por uma Assembleia Constituinte livre e soberana.



O general golpista Garcia Meza

Contra o golpe militar na Bolívia

Resistência heróica

Greve geral nas minas, nas cidades e nos campos, bloqueio das principais estradas e ruas, franco-atiradores, manifestações e passeatas esta é a resposta que o povo boliviano, tendo à frente os operários das minas de estanho, está dando para os generais golpistas.

No dia 17 de julho o general Garcia Meza, comandante geral do Exército chefiou um sangrento golpe de Estado que já causou mais de 100 mortes entre os democratas bolivianos, mais de 700 prisões executadas por tropas e grupos para-militares.

Uma história violenta

A Bolívia já teve mais de 200 golpes de Estado e não consegue alcançar um mínimo de estabilidade política. A luta contra os ditadores militares tem trazido grande sofrimento para o povo mas também uma resistência e coragem cada vez maiores.

A cada novo golpe de Estado, maior tem sido a unidade, a combatividade e a capacidade de organização da resistência popular. Através das entidades sindicais e principalmente da COB (Central Operária Boliviana, com mais de um milhão de associados), a luta pela liberdade tem crescido muito.

Um belo exemplo da capacidade de luta do povo boliviano foi a resposta ao golpe militar dado pelo coronel Busch em novembro de 1979. Sempre contra os resultados eleitorais e contra a legalidade constitucional, os golpistas não esperavam a poderosa resistência que causou a morte de mil pessoas mas acabou obrigando os militares a um recuo.

Planos fascistas

Após o insucesso de novembro os militares não descansaram e logo começaram a tramar um novo golpe. A parte principal desse plano seria desencadear uma campanha de assassinatos políticos e de atentados aos setores democráticos e operários, criando um clima de caos e confusão e justificando a intervenção dos militares, que apareceriam como salvadores da situação. E uma velha tática já usada por Hitler e



Em La Paz, a classe operária mantém a greve.

Resistência heróica

os militares bolivianos deram até mesmo nome para o plano, "Plano dos longos punhais".

O começo do auge das violências se deu com o assassinato do padre Luis Espinal em 22 de março. Em 9 de abril tentaram assassinar o famoso advogado trabalhista Anibal Penarrieta, que reagiu a tiros e conseguiu escapar.

Anibal possuía documentos que incriminavam o coronel Arce Gomes, chefe do Departamento de Inteligência do Estado Maior do Exército como autor intelectual do plano terrorista, mas a justiça boliviana se mostrava impotente e os trabalhadores viram que teriam que tomar em suas próprias mãos a defesa da liberdade.

União geral contra o golpe

O povo boliviano está aprendendo a enfrentar os seus inimigos e a partir do golpe de novembro organizou o Conade, Comitê Nacional de Defesa da Democracia, com ramificações em quase todas as fábricas, bairros, minas, escolas e igrejas.

O Conade se estruturou principalmente em torno da greve geral e do bloqueio das principais estradas do país. Apesar das grandes diferenças entre os partidos, entidades e associações que participam do Comitê foi conseguido um clima de grande unidade contra o inimigo comum.

A linha do general Meza

O general Garcia Meza foi empossado no dia 11 de abril como novo comandante do Exército e desde seu primeiro discurso de posse deixou bem claras as suas ideias golpistas. Eis um trecho: "Ante o fracasso histórico dos partidos, as Forças Armadas, pela sua própria responsabilidade, estão impedidas a reabrir os períodos de vazio político ou bem propor uma democracia inédita contra aquela das eleições fraudulentas..."

É esse homem, que prestou um juramento de defender a legalidade, que está dirigindo um banho de sangue na Bolívia.

Entre os vários mortos do golpe de 17 de julho figuram importantes líderes tais como Oscar Sanjines, secretário

geral da COB, Marcelo Quiroga, líder do Partido Socialista, Guillermo Capobianco, líder da União Democrática Popular que foi vitoriosa nas eleições.

Segundo as últimas notícias, está confirmado que a resistência armada dos bolivianos está se desenvolvendo em meio à greve geral e ao bloqueio de estradas. Noventa e cinco por cento da Bolívia está parada e nas minas mais importantes, Huanuni, Siglo Viente e outras, os tanques militares estão enfrentando as bananas de dinamite dos mineiros.

A resistência se espalha

Enquanto isso crescem no mundo as reações contra o golpe. Até o momento em que se fechava esta edição, o governo Meza não havia sido reconhecido por nenhum país. O secretário geral da ONU fez um protesto público contra as execuções sumárias na Bolívia. Na Suíça, um Comitê de Defesa da Democracia na Bolívia ocupou a embaixada boliviana, o mesmo acontecendo também em Paris, como forma de pressionar pela libertação dos líderes presos. Quatro embaixadores bolivianos renunciaram a seus postos. O Equador rompeu as relações diplomáticas com a Bolívia momentos após o golpe. O Pacto Andino prepara-se para adotar sanções.

Mas há também o outro lado da moeda. Várias denúncias apresentam militares argentinos no papel de assessores do golpe. E quanto ao exército brasileiro, "é muito significativa" a palestra feita pelo general Walter Pires, Ministro do Exército, apenas cinco dias antes da quartelada, dizendo que as Forças Armadas brasileiras consideram "inaceitável" a passagem da Bolívia, ou do Suriname, ou da Guiana ou outro país vizinho, para a "órbita" socialista. A declaração foi interpretada como um sinal verde para a ação golpista. E isso aproxima ainda mais os trabalhadores brasileiros da valente classe operária e do povo da Bolívia, nesta hora tão importante para a América Latina, uma hora de solidariedade entre os povos e repúdio a todas as ditaduras que infernizam o Continente.

EM FAVOR DA REVOLUÇÃO

Um livro contra os EUA, a URSS, a China e todos os capitalistas, em defesa da classe operária mundial.



Após o rompimento com os soviéticos, muita gente começou a dizer que a Albânia "mudara de senhor", passara para a tutela da China. Mas a história encarregou-se de provar o quanto esta visão estava errada. Em 1978 foi a vez dos dirigentes chineses empreenderem um boicote econômico contra a Albânia, na tentativa de impor-lhe a famosa "teoria dos três mundos". Mais uma vez, Enver Hodja, à frente do PTA, recusou-se a comer gato por lebre. Mostrando que a política do Partido não reconhecia a tutela de nenhum outro partido, grande ou pequeno, preferiu enfrentar as dificuldades impostas pelo bloqueio e preservar sua independência.

Um problema candente

É este o autor de "O Imperialismo e a Revolução". Um livro sem dúvida destinado a provocar muita polémica e mais interesse ainda pelas teses que defende, por sua defesa intransigente da revolução e do socialismo.

Para o autor, a situação do mundo é em geral revolucionária. Analisando cientificamente a realidade, ele afirma: "Quando dizemos que a situação é hoje revolucionária, dizemos que o mundo está se movimentando rumo a grandes conflagrações".

Enver Hodja destaca a necessidade de se preparar as massas nesse sentido. E acentua que as forças revolucionárias, particularmente os partidos de vanguarda da classe operária, têm a enorme responsabilidade de cumprir esta tarefa histórica, dirigindo as massas rumo à sua emancipação e à construção do socialismo.

Crítica ao PCCh

"O Imperialismo e a Revolução" foi escrito em meio à polémica com os dirigentes chineses quanto à "teoria dos três mundos" e o "pensamento Mao Tsetung". Enver Hodja analisa na segunda parte da obra os fundamentos desta teoria. Mostra que ela se opõe à análise de classes da sociedade formulada por Marx, Engels, Lênin e Stálin. Sua essência é pregar a conciliação entre burgueses e proletários, a união dos povos com o imperialismo para combater o imperialismo soviético que, segundo os líderes chineses, é o inimigo principal dos povos.

A obra examina também a política interna e externa do Partido Comunista da China, mostrando que ela nada tem a ver com os princípios de um Estado socialista, já que no plano interno concilia com os exploradores e no plano externo visa a submissão dos povos ao imperialismo.

Enver Hodja conclui que a teoria dos "três mundos" e o "pensamento Mao Tsetung" opõem-se à teoria marxista-leninista da revolução, não passam de "variantes de revisionismo".

Em resumo, a obra trata de uma série de questões que estão na ordem do dia e vêm sendo debatidas por todos os que se preocupam com a revolução, sejam a favor ou contra ela. É o livro de um homem que não apenas defende a revolução como já dirigiu uma e conduziu seu povo na construção do socialismo, que não apenas fala contra o revisionismo, mas que se opõe frontalmente a ele. Uma obra que precisa ser lida e merece respeito. (Olivia Rangel)



BA: ferroviários têm pensão de fome

Nos, os ferroviários aposentados da "Leste Brasileiro", estamos com nossa aposentadoria toda desigual. Os ferroviários que foram aposentados até fevereiro de 1970 estão com suas aposentadorias razoáveis, que ainda atingiram uma lei deixada pelo presidente Getúlio Vargas. Mas em março de 1970 extinguiram a referida lei e criaram outra, que só serviu para nos prejudicar, particularmente os que foram aposentados de março de 1970 até 1977. Os que começaram a ser aposentados em 1978 também estão se aposentando de maneira menos ruim.

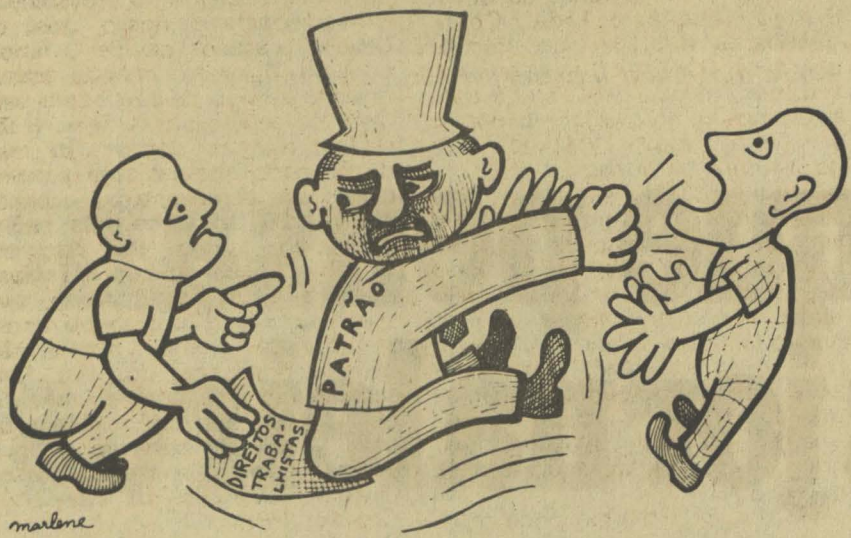
Isto devemos ao general Garrastazu Médici, que foi o presidente que mais odiou os ferroviários, transformando esses operários em verdadeiros desempregados, percebendo uma miséria parecida com esmola através do INPS, que só dá para a gente não morrer de fome no caminho. Até mesmo um aumento decretado pelo presidente João Goulart foi arquivado e nunca recebemos. Além de nos tirarem a condição

de servidores públicos, sonegaram todas as nossas vantagens.

Mas nossa luta não parou aí. Resolvemos constituir advogados. O então advogado trabalhista Walter Filizola era um grande profissional. Mas nosso azar foi tanto que ele morreu em desastre de carro e seus colegas de escritório não nos dão a menor satisfação, já estamos desiludidos.

No Congresso Nacional não temos representação, embora lá estejam deputados eleitos com nossos votos. Votamos na oposição, porque era quem ainda defendia os interesses do povo. Mas ao chegarem em Brasília e na Assembleia Legislativa da Bahia, esqueceram os trabalhadores, aposentados e pobres do Brasil.

Os donos do poder acabaram nossa associação, nossa Federação, nos humilharam todos esses anos. Só agora começamos a nos reanimar, porque surgiu a *Tribuna Operária*, jornal combativo em favor do povo, dos trabalhadores. Continuem ajudando os trabalhadores e o povo! (M.S. - ferroviário aposentado - Amar-gosa, BA)



Punição de pai para filho

O Sr. Carlos Rodrigues Rezende, 48 anos, pouco alfabetizado (apenas com Mobral), trabalhando há 13 anos na Indústria Química Hoechst do Brasil, em Suzano, interior do Estado de São Paulo, foi demitido injustamente pela firma. Isso ocorreu quando seu filho, Francisco Helene Rezende, moveu um processo contra a firma por equiparação de salários.

O filho trabalha há 3 anos e meio na mesma empresa: como embalador e posteriormente como mecânico na oficina da firma, pois já tinha certificado do Senai como ajudante de mecânico, frezador, e agora cursa ferramentaria. E não tinha um salário adequado, com a função e com sua classificação profissional.

Uma semana depois de aberto o processo, o pai, sr. Carlos, foi

chamado no escritório da firma pelo sr. Laércio, chefe do departamento, que pediu para ele convencer o filho a retirar o processo que estava com o Ministro do Trabalho. Mas o pai não pôde fazer nada, pois o filho era maior de idade. Em consequência disto, os dois foram demitidos no dia 30 de junho último.

Os patrões, aplicando a punição ao filho e vendendo que o pai teria dificuldade em conseguir outro emprego por ser quase analfabeto, resolveram dar-lhe a mesma punição, com repressão.

Gostaria que vocês publicassem este caso, pois ele representa a repressão de classe do patronato. Casos como esse precisam ser lidos e discutidos, não pode se ficar assim. (B. - Suzano, SP)

Cão de fila dos exploradores

Valho-me deste vibrante e corajoso jornal do povo para acusar a parcialidade de um tal colonista do jornal imperialista daqui de Porto Alegre, a Folha da Tarde.

Esse indivíduo usa o pseudônimo de *Perdigueiro* e se dedica única e exclusivamente a defender os ricos, os ladrões, os corruptos, os todo-poderosos.

Segundamente este indivíduo publica debochadamente notícias de seus lautos e faustos jantares com os ladrões do povo. A corrupção, o roubo e o desvio de verbas públicas praticados por esses vândalos do governo, a tudo

isso ele faz vistas grossas. A sua coluna não fez até hoje menção ao escândalo do adubo de papel, ao escândalo da compra de terras em Bagé feita pela Cedec, quando o governo pagou 10 vezes mais do que o valor das citadas terras. Esse indivíduo é um tremendo puxa-saco dos ladrões do povo. Se refere aos carrascos Pinochet, Videla e Stroessner como se fossem verdadeiros benfeitores da humanidade.

Para provar o que digo, estou remetendo recortes das baboseiras desta acquerosa hiena. (J.C.B. - Porto Alegre, RS)

Trabalho alugado, regra no hospital

Vimos através da *Tribuna Operária* denunciar a situação dos funcionários das firmas particulares conveniadas com o Hospital das Clínicas de São Paulo.

Somos contratados por estas firmas (a Oficina de Serviços Gerais e a Empresa Centro) para trabalhar no hospital. Para começar, o pessoal que trabalha em locais perigosos para a saúde (insalubres), como na lavagem de material de laboratório, no pronto-socorro, na farmácia, não recebem adicional de insalubridade.

Os funcionários conquistaram na greve de 1978 o direito a refeição por ticket. Porém nós temos que pagar 55 cruzeiros por refeição. Com os salários do jeito que estão, muitos não podem comer a não ser quando uma copeira fornece um prato de comida da que vai para os doentes. Ficamos revoltados com o caso de uma senhora que chorou de desespero por não ter o que comer.

Com relação aos salários, mais uma vez nos deram o golpe do baú. O índice salarial proposto pelo governo para quem ganhasse de 1 até 3 salários mínimos foi de 41,58%, já muito abaixo da inflação. Porém as firmas só nos deram 30%. Segundo elas, foi o governador Paulo Maluf quem autorizou este aumento. Um diretor disse que os 11,58% restantes seriam dados como prêmio aos que não faltassem nenhum dia. Que espécie de aumento é esse?

O governo do Estado não abre concurso para escriturários, serventes e mensageiros desde 1977, pois estes são contratados por estas firmas. Enquanto o hospital paga 11 e mil e 600 cruzeiros mensais para um escriturário, a firma paga 7 mil. Um faxineiro do hospital ganha 9 mil cruzeiros, enquanto um da firma ganha o salário mínimo. O mesmo se dá com os mensageiros e guardas.

Existe um sindicato que não cuida dos nossos direitos, porém no final do ano é descontado o imposto sindical. Para terminar, estas firmas não existem somente no hospital das Clínicas. Existem também no Hospital do Servidor Público Estadual de SP. (*Grupo de amigos da Tribuna no HC - São Paulo, SP*)

352-201-1010001-1-5104

Em 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, era lançado o Movimento Negro Unificado, num ato público em repúdio à discriminação racial sofrida por 4 garotos do time de voleibol infantil do Clube Regatas Tietê, impedidos de jogar pelo fato de serem negros; e em resposta à violência sofrida por Robson Silveira da Luz, operário e pai de família, preso, torturado e assassinado no 44º distrito policial em Guaianases.

O negro vem travando a sua luta durante centenas de anos, deste a época em que eram trazidos em péssimas condições pelos colonizadores, até os nossos dias, contra esta ditadura fascista que exerce domínio sobre o nosso país pelo terror das metralhadoras e que vem assassinando todos aqueles que se opõem ao poder, dentre eles negros como Robson Silveira da Luz, Newton Lourenço, Oracílio Gonçalves, Márcia Joaquim Gomes, Olivaldo Francisco de Oliveira, Oswaldo Orlando

DCE atacado

O Diretório Central dos Estudantes dos Institutos Paraibanos de Educação (DCE-IPE) teve, na noite de 15 de julho de 1980, violado o seu jornal-mural, exposto na Faculdade de Direito, num franco atentado a seu legítimo direito de livre expressão. O DCE-IPE é uma entidade legalmente estruturada e legitimada pelo voto livre e direito de mais de dois mil estudantes.

Segundo o depoimento de diversos estudantes que presenciaram o primitivismo da cena, o deputado estadual do PDS paraibano, Inácio Bento, investiu, irritado, contra o mural do DCE, rasgando as páginas ali afixadas, com manchetes do jornal *Tribuna Operária*, que denunciava o ex-presidente general Geisel como beneficiado pelas multinacionais ao receber a presidência de duas empresas petroquímicas: a Norquisa e a Copene. Ao praticar tal ato antidemocrático, o deputado, também aluno do IPE, bradava escandalosamente que não admitia aquilo, e que era amigo pessoal do general. Ora, ninguém tem nada contra o deputado do PDS ser amigo ou não deste general, mas sim contra o fato de investir contra o direito de livre expressão de uma entidade estudantil; de encontro à liberdade de imprensa, uma vez que a *Tribuna Operária* é um jornal legalmente estruturado e de circulação nacional. (DCE-IPE João Pessoa, PB)



"Gatos" também na cidade

Prezados companheiros deste jornal que é atualmente o melhor veículo existente no país das lutas, aflições, vitórias e derrotas dos operários e do povo em geral, e cuja penetração em São Bernardo está excelente, em virtude principalmente da seriedade com que os movimentos populares e trabalhistas são tratados:

O objetivo de minha carta é denunciar um problema existente atualmente na indústria, em especial na indústria automobilística, que é a contratação de famigeradas companhias prestadoras de serviços (as "gatas"), cujo comportamento tem sido sempre o de aviltar ao máximo a força de trabalho. Faz isso pagando salários irrisórios, não mantendo vínculos empregatícios mais sérios, roubando os trabalhadores nos mais elementares direitos trabalhistas, contratando trabalhadores aposentados ou trabalhadores que, devido às exigências absurdas impostas pelas indústrias, não conseguem se empregar e, desta maneira, são presas fáceis destes ladrões de energia humana.

Trabalho na Chrysler e esta é uma das empresas que se servem

das "gatas" como uma forma de não ter que cumprir uma série de compromissos sociais tais como: equipamento de segurança, roupa e calçado de trabalho conforme acordo intersindical, pagamento do piso salarial, etc.

A questão do piso salarial é interessante, pois o serviço de faxina existente nesta empresa, além de deficiente, é inteiramente entregue a uma "gata", não mantendo a empresa nenhum faxineiro, como se limpeza fosse questão temporária. Desta forma os faxineiros ganham salário mínimo, não têm luvas para trabalhar, a "gata" cobra a roupa, etc.

O nome desta "gata" é Verzani e Sandrini. A empresa utiliza este tipo de trabalho também na área de manutenção, mecânicos e eletricitistas, que desta forma têm seu salário profissional aviltado. Só que as "gatas" são outras: Sta Rita, Projim, etc.

Companheiros, olho no problema! Amanhã ou depois será possível vermos este tipo de trabalho na ferramentaria ou mesmo na produção. (L.M. - São Bernardo, SP)

Com assistência do INAMPS quem está bom fica doente

O objetivo desta carta é denunciar algumas arbitrariedades que ocorrem no Instituto Nacional de Previdência Social - Secretaria Regional de Medicina Social - Raios X - Posto 321, Maceió, Alagoas.

Estive no mês de junho próximo passado no INAMPS, pois necessitava ser submetida a vários exames, entre eles radiografia do coração e dos pulmões. E a pedido de um clínico geral, as tirei pelo INAMPS. E o que aconteceu?

Imaginem os senhores que quando as levei para o médico interpretá-las, sua análise não coincidiu com o laudo. Ele, insatisfeito com o resultado, encaminhou-me a um pneumologista. Este, ao interpretá-las, de imediato fez um paralelo entre elas e o que continha no laudo. E também discordou, pois não estava havendo coerência nos resultados.

Em outras palavras, eu sou uma pessoa sem problemas pulmonares. (E a radiografia indicava

Arruda Câmara, semente semeada

Olho vazado que enxerga
Mão quebrada que escreve
Pensamento que não se entrega,

Arruine com morte esse Arruda
que as torturas não servem.
Eu sou o carrasco cujo meu ofício
não produz nesta oficina.

Homem que nem só fica mudo
surdo sua orelha não
bebe meu cheiro
chuva que não dobra em
meu esgoto,

Arruine com morte esse Arruda
que os meus ferros não servem
Eu sou o cativo
cujo meu ofício
não produz nesta oficina.

Fogo que não distancia da chama
Passo que caminha na
mesma estrada
em outro chão
cabeça que não se esgota
na fuga,

Carregue com vida esse Arruda
que as fronteiras não servem
Eu sou o exílio
cujo meu ofício
não produz nesta oficina.

Morte, da vida do velho
criado e crescido no povo,
mate com vida esse Arruda
que a morte não serve.
Eu sou a ideia
cujo meu ofício
produziu nesta oficina: Arruda!

Semente semeada
oficina de mudanças
— oficina de Arruda —
filho da ideia ainda a ser posta
no posto de escuta: povo.

(J.C. - Vitória da Conquista, BA)

Semente semeada
oficina de mudanças
— oficina de Arruda —
filho da ideia ainda a ser posta
no posto de escuta: povo.

(J.C. - Vitória da Conquista, BA)

Em defesa do negro



Costa, Sêzio da Silva Fonseca, Paulo Soares e muitos outros.

O Movimento Negro Unificado veio, nas palavras de Milton Barbosa, membro da Comissão Executiva Nacional, unir os movimentos dos negros já existentes. Veio unir a luta de classes com a luta contra o racismo.

O Movimento Negro Unificado;

parido dos nossos esforços contra a discriminação racial, cresceu, se fortaleceu e hoje comemora dois anos de lutas, englobando em seu seio as mais diversas tendências, com um programa mínimo capaz de englobar todos os negros numa verdadeira frente negra por uma democracia racial. (Geraldino Nascimento - São Paulo, SP)

Expulso de Recreio

Peço que publiquem uma pequena notícia do que está acontecendo numa cidadezinha da Zona da Mata: Recreio. O povo não sabe como se defender contra os policiais desta cidade que dizem que quem faz a lei são eles.

Foi feito um abaixo-assinado em protesto contra os preços altos cobrados por certos comerciantes de Recreio, principalmente o do leite e do feijão. Acabou resultando na prisão, espancamento e expulsão da cidade de Jorge Luis da Silva, de 26 anos, trabalhador autônomo, considerado o cabeça do movimento.

Além de ser tachado de agitador pelos policiais, Jorge Luis foi preso um dia antes do abaixo-assinado ser entregue ao presidente da Câmara Municipal de Recreio, Milton Gomes de Aquino, com mais de mil assinaturas, inclusive de vereadores. Jorge foi espancado na presença do delegado de Recreio e deram-lhe 10 dias para sair da cidade.

Depois de toda a arbitrariedade ter sido denunciada por Jorge Luis à imprensa, os políticos locais se viram na obrigação de tomar alguma providência, pois sua função

é defender quem os elegeu, o povo. Ora, se havia mais de mil assinaturas, deveria haver igual número de pessoas interessadas no caso. Foi formada uma comissão com a função de reaver o abaixo-assinado. Por duas vezes, no momento em que deveria se realizar o encontro para tratar do caso, entre a comissão e o delegado regional, surgiu algum "empecilho".

Por isso, comissão, nossa função não é apenas existir, vamos agir! (Um recreense, pelo povo - Recreio, MG)

Uma vítima a mais da ganância dos patrões

Tendo lido a edição de seu jornal de nº 16, na qual foi publicada a reportagem com o título "Na Fábrica Randon de Guarulhos Operários Sofrem Exploração Violenta", gostaria de fornecer mais dados referentes àquela reportagem, os quais acredito, seriam muito interessantes para este jornal.

Na reportagem foi feito comentário a respeito de um engenheiro (Edison Rodrigues Carneiro, que sou eu) o qual estaria tratando os funcionários como animais e eles exigiam sua demissão imediata.

Nestas alturas, mesmo antes que a reportagem fosse feita, eu já havia sido demitido. Contudo,

tenho dados a acrescentar ao caso.

Juntamente com esta, estou fornecendo uma cópia da carta que enviei à Randon referente ao meu desligamento da empresa. Nesta carta, da qual ainda não obtive resposta, faltou apenas sublinhar o fato de que a Randon, no desespero de uma produção baixíssima e que não havia sequer condições para faturar a folha de pagamentos, nos contratou com o objetivo de pressionar ao máximo os funcionários, tentando desesperadamente obter maior produtividade, visando o pagamento de suas inúmeras dívidas.

Com isto, fomos instruídos para colocar a máxima força para

arrancar dos trabalhadores o que fosse possível, no intuito de minorar os efeitos da crise. Revoltados, os trabalhadores fizeram o que era de se esperar.

Como poderão concluir, o dito cujo engenheiro Edison Rodrigues Carneiro, um trabalhador comum, pai de família, lutador de causas justas e que, dá tudo de si para melhorar as condições de vida neste país, foi usado como cobaia por forças econômicas maiores, piorando ainda mais a sofrida situação de todos nós. Uma vítima da ganância dos patrões, isto é, que realmente ocorreu.

(Edson Rodrigues Carneiro - São Bernardo do Campo, SP)

Regime acoberta terror

No jogo sujo dos atentados fascistas quem perde são os trabalhadores e a causa da liberdade, enquanto os terroristas escapam sempre impunes, graças à conivência do regime. Uma situação que impõe resposta pronta das forças da democracia.

Talvez o Brasil nunca tenha vivido uma série de atentados terroristas da envergadura da atual. Agora foi a vez dos jornalistas que vendem órgãos da imprensa democrática, vítimas de incêndios de bancas em Belo Horizonte, na madrugada do dia 17, em S. Paulo e Londrina, três dias depois.

Os trabalhadores que defendem seus direitos, os homens e mulheres que trabalham pela democracia no Brasil sentem-se diretamente ameaçados. A ação terrorista vai numa escalada e atinge os mais diversos setores da sociedade. Não faz muito tempo foi o bispo de Nova Iguaçu, RJ, seqüestrado a mando de um certo capitão Zamith, hoje identificado, mas impune. Também impunes estão os assassinos do metalúrgico paulista Santo Dias da Silva e do camponês paraense Raimundo Ferreira, o "Gringo". Em S. Paulo, uma verdadeira milícia fascista forma-se para espancar populares enquanto o governador Paulo Salim Maluf visita o bairro da Freguesia do O. O jurista Dalmo Dallari é seqüestrado e espancado. As sedes do CBA e do PT em S. Paulo são crivadas de balas. Deputados opositores sofrem também atentados.

Governo desonrado

O ministro da Justiça diz que o governo considera "questão de honra" o esclarecimento dos crimes. No entanto, o tempo passa e ninguém é punido. São dezenas e dezenas de casos que permanecem na estaca zero. Ou, pior ainda, que são esclarecidos graças aos esforços da opinião pública democrática sem que o governo tome providências para punir os culpados. Se a apuração dos casos é "questão de honra" para este governo, ele está mais que desonrado.

Pista livre para o crime

O caso dos incêndios das bancas de jornais é esclarecedor. Faz já algumas semanas que os jornalistas recebem panfletos com ameaças, primeiro em Belo Horizonte, depois em outras cidades do país. Com pequenas variações, é sempre o mesmo panfleto. A versão baiana, por exemplo, afirma:

"Já passamos por vários Estados e agora estamos aqui na Bahia para acabar com esta avalanche de jornais comunistas e as bancas que os reven-



Em Tempo-BH: três atentados

dem. Para o bem de nossa pátria (!?!), exigimos que imediatamente pare de vender os seguintes jornais: *Hora do Povo*, *Movimento*, *Voz da Unidade*, *Pasquim*, *Tribuna da Luta Operária*, *Coojornal*, *Em Tempo*, *Companheiro*, *O Trabalho*. Se não formos atendidos em até oito dias após este ultimato, passaremos a tomar atitudes drásticas".

Das ameaças os criminosos fascistas passaram à ação, incendiando três bancas de jornais em diferentes pontos do país. Nada foi feito, nada foi esclarecido.

Fios que levam ao regime

Aparece agora uma certa "Falange Nova Pátria", reivindicando a autoria do atentado contra o professor Dallari e a banca de jornal da Rua Joaquim Floriano, em S. Paulo. O jurista considera que "é uma tentativa puramente diversionista, com o objetivo de tumultuar as investigações". Os indícios apontam em outro sentido, mas este o governo Figueiredo trata de encobrir.

Por exemplo: foram solicitadas fotografias dos agentes do Doi-Codi do II Exército, para eventual reconhecimento dos autores do primeiro seqüestro sofrido por Dallari, durante a greve dos metalúrgicos do ABC. A resposta do general Milton Tavares, comandante do II Exército, foi que o pedido "é desprovido de todo cabimento". Os homens dos Doi-Codis são considerados intocáveis.

Generais implicados

Mais grave ainda foi a denúncia formulada recentemente pelo deputado

federal mineiro Genival Tourinho, do PT. Segundo as informações que ele divulgou, estaria em andamento um plano coordenado nacionalmente, denominado "Operação Cristal". E seus patrocinadores seriam nada mais nada menos do que três generais: Antônio Bandeira, comandante do 3º Exército; Milton Tavares, do 2º Exército; e José Luis Coelho Neto, comandante da 4ª Divisão do Exército em Minas Gerais.

Embora não tenham sido apresentadas até agora provas dessa denúncia, salta aos olhos que há em alguma parte um maestro regendo a orquestra dos atentados fascistas.

Há quem diga que tudo seria um plano dos setores mais à direita do sistema, em oposição à política da "abertura" do general Figueiredo. Os fatos conhecidos, porém, indicam que o grupo no poder é no mínimo conivente com o que ocorre, já que cruza os braços diante da escalada dos crimes.

Impunidade gritante

Enquanto isso, o juiz da 3ª Vara Criminal "condena" à pena ridícula de seis meses de prisão com *sursis* (ou seja, sem prisão) os policiais "Didi Pedalada" e "Irmão", envolvidos no seqüestro de um casal de refugiados uruguaios em 1978. Os dois nem sequer precisarão desligar-se do Dops. E em Minas Gerais, Juarez Guimarães, da sucursal do jornal *Em Tempo*, que já sofreu três atentados, informa que as investigações chegaram a apontar que os criminosos teriam ligações com o Exército ou o *Jornal de Minas* e "havia uma base muito sólida para a apuração da verdade, mas nada ocorreu".

Crimes pedem resposta

O objetivo evidente da campanha de atentados é calar o povo e os democratas pelo terror. Observando-se as ações criminosas em seu conjunto tem-se inclusive a impressão de um ataque pelos flancos, buscando intimidar setores que têm servido de aliados dos movimentos operários e populares, para isolar estes últimos e então golpeá-los de frente e com força ainda maior.

De outro lado, nas forças sociais e políticas que se opõem ao banditismo fascista e ao regime que o acoberta, o repúdio tem sido muito grande. São incontáveis os pronunciamentos de sindicatos, entidades e movimentos democráticos de todo o Brasil condenando os crimes da ultra-direita. Da mesma forma, não faltam vozes para ressaltar a conivência do governo Figueiredo.

Falta ainda, porém, transformar este estado de ânimo em consciência da gravidade do momento e da necessidade de uma resposta à altura, vigorosa e de massas, como já ocorreu com outros desafios recentes.



A primeira banca destruída: a maior vítima é a liberdade

Tribuna da Luta Operária

PARTEIRA DA HISTÓRIA

Se os inimigos do povo usam e abusam da violência e do terror, que fazer?

Muita gente se pergunta o porquê dos atentados fascistas que estão virando moda no Brasil. Naturalmente, há motivos muito concretos, ligados à situação atual do país, ao papel das vítimas, aos objetivos imediatos dos terroristas. É claro que estes objetivos são os piores possíveis e que não há desculpa que sirva para essa atividade sinistral.

Fenômeno universal

No entanto, vale à pena ir mais ao fundo da questão e perguntar-se sobre as raízes verdadeiras dessa violência. Ela não age apenas na calada da noite; atuou às claras, durante a greve dos metalúrgicos de S. Bernardo, por exemplo. Não existe somente nas grandes cidades; é rotina também nas zonas rurais, e ainda há pouco vitimou o posseiro "Gringo", em Conceição do Araguaia, para citar apenas um caso. Não vem de hoje, nem de ontem; ainda estão frescas na memória das brasileiras as lembranças dos tempos de terror fascista que o Brasil viveu nas décadas de 60 e 70, mas a mesma violência reacionária encontra-se, com altos e baixos, desde o início da formação do Brasil. E não só do Brasil; na Bolívia recém-atingida por uma quartelada sangrenta, na Argentina e no Chile, mergulhados há anos no terror militar e também nos demais continentes, sem exceção, repetem-se as mesmas cenas brutais.

Não é um problema que possa ser resolvido no plano puramente moral, como querem alguns. Mas não é também um vício incurável da natureza humana, como dizem outros. A violência reacionária é um fruto podre da batalha entre classes sociais opostas que se desenvolve desde que existem exploradores e explorados. Existirá, assim como sua contraposição inevitável, a violência revolucionária, enquanto durar esta batalha. E acabará juntamente com ela.

Leis de ferro em ação

Os trabalhadores, os povos, as forças da democracia e do progres-



Polícia em ação contra grevistas: na prática, terrorismo fardado

so, teriam todo interesse num desenvolvimento da sociedade que excluísse a violência. Mas a sociedade humana não se desenvolve assim. E são as forças retrógradas, inimigas do progresso social, que lançam mão em primeiro lugar da violência, para manter a velha ordem que se desmorona sob os seus pés. Diante disso não existe escolha a fazer. Agem as leis de ferro do desenvolvimento social, leis que ninguém decretou nem inventou, que existem independentemente da vontade dos homens.

E isso que explica que até representantes de uma força tão avessa à violência como a Igreja lembrem em público, aos posseiros da Amazônia, que "espingarda não serve só para matar passarinho".

Reação inevitável

Quanto mais as forças da reação lançam mão da violência, do terrorismo, como vem acontecendo no Brasil durante os últimos anos principalmente, mais ventos estão semeando, e mais tempestades haverá de colher. Hoje, o que se en-

contra na ordem do dia é sobretudo a resposta política e de massas à força bruta dos órgãos repressivos do regime e seus tentáculos subterrâneos. Mas é perfeitamente previsível que a ação violenta costumeira e crescente provocará um dia uma reação do mesmo tipo, em sentido inverso, da parte das vítimas, dos reprimidos e pisoteados.

Quem tem o pavio aceso?

E como as forças do progresso terminam sempre por se impor, ainda que às vezes com atraso, também é previsível o desfecho desse confronto. O uso da violência pelos "de cima" pode conforme o caso prolongar e tornar mais doloroso o parto de um novo sistema social, mas nunca por um tempo indefinido.

Os panfletos terroristas distribuídos aos jornalistas costumam incluir uma frase que diz: "Cuidado, teu pavio já está aceso!". Do ponto de vista da marcha da história, porém, são os senhores terroristas que mereceriam a advertência. Seu pavio está aceso. E mais dia, menos dia, vai explodir.

O que pensam os jornalistas

A Tribuna Operária ouviu as vítimas diretas dos atentados.

Entre as 4 e as 5 horas da manhã, muitos jornalistas se reúnem no centro de S. Paulo, para retirar material, e o assunto obrigatório são os atos de terrorismo. "Eles dizem que esses jornais atingem a moral da família, mas então por que não fazem nada contra as revistas de mulher pelada?" Outro, mais indignado, comenta: "Se o povo numa hora destas estivesse mais organizado e violento, seqüestrava o Maluf e só soltava se passassem com esses atentados da direita". Outro ainda garante que "o governo nem vai atrás desses bandidos porque senão acharia figurões de lá de dentro mesmo".

Os efeitos do terror

Não se pode negar que os atentados alcançaram algum resultado no seu objetivo principal, de semear o terror. Segundo o empregado de uma distribuidora que trabalha com alguns dos jornais visados, antes mesmo do atentado em S. Paulo alguns donos de bancas se negavam a receber estes jornais. "Imagine agora que o negócio está acontecendo em nossa casa!" — comenta, preocupado.

Mas há também aqueles que colocam na frente a revolta. É o caso de Regina, uma das proprietárias da banca incendiada em S. Paulo, que declarou à *Tribuna*: "Foi uma covardia. E não adianta eles mexerem com os jornalistas, porque a realidade não vai mudar. E eu afinal tenho o direito de vender todos os jornais não proibidos, quem quiser que compre. Não sei se os jornais são comunistas, eu vendo como qualquer outro". Apesar disso ela diz: "Caso eu volte

a trabalhar em bancas não venderei estes jornais. Não temos nenhuma segurança". A solidariedade dos frêgueses foi maciça, todos chamando os autores do atentado de bárbaros, vândalos, alguns criticando diretamente o governo. Um deles, o sr. Natrieli, sugeriu que os culpados deveriam ser "pendurados pelo pescoço". Mas o fato é que o prejuízo chegou a quase um milhão de cruzeiros e não há como enfrentá-lo. E isso quando as proprietárias da banca pediram segurança à delegacia policial da região, pedido encaminhado ao DOPS, "que, pelo jeito, nada fez".

Outro jornalista, de um bairro de periferia da Zona Leste, culpa diretamente as autoridades: "Como o governo não pode mais proibir a imprensa de oposição, vem em cima dos jornalistas, que são mais fracos". Aliás, quase o mesmo comentário foi feito pela vítima do incêndio da banca de Belo Horizonte, na madrugada do dia 17: "A corda sempre rebenta do lado mais fraco".

Resposta organizada

Assim, revoltada mas também amedrontada, e sobretudo desconfiada das garantias de segurança que o governo pode e deseja dar, a categoria dos jornalistas espera da opinião pública a resposta organizada, unitária e enérgica capaz de por um ponto final nos atentados. Até lá, a atividade da imprensa estará tão afetada como nos piores tempos da censura prévia. E se os atos de banditismo começaram por atingir jornais democráticos e operários, a própria lógica do terror faz dele uma ameaça a toda a imprensa brasileira.